

7

MARIA LÚCIA DE AMORIM SOARES (*)

**A CIDADE NUA:
UM EXERCÍCIO PEDAGÓGICO
EM GEOGRAFIA URBANA**

ABSTRACT

The author relates the antecedents and aims that have directed the organization of the performance exhibit entitled "Naked Town" which took place during the second **Cultural Week**, from September 25 to 30 this year.

RESUMO

A autora relata os antecedentes e os objetivos que nortearam a organização da exposição-"performance" intitulada "A CIDADE NUA", realizada durante a 2ª **SEMANA CULTURAL**, de 25 a 30 de setembro deste ano.

(*) Mestre em Geografia (USP), atualmente fazendo doutoramento em Geografia (USP), leciona Geografia Humana na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba.

"O homem científico é a continuação do homem artístico". Nietzsche: Humano, demasiadamente humano.

A técnica do tijolo cozido possibilitou uma nova maneira de pensar o habitat. Por ser uma unidade geométrica simples e padronizada, possível de ser produzida em escala, permitiu uma nova relação homem/natureza, mediada por uma estrutura racional e abstrata. Surgiu, assim, a cidade, uma forma escrita, que pode ser lida e decifrada através do desenho das ruas e das casas, das praças, das igrejas e das fábricas, da mesma maneira como se lê e decifra um texto.

A cidade moderna permite a montagem e a desmontagem do seu texto constantemente. Quando homens transformam o palacete em cortiço estão conferindo uma nova função ao objeto geográfico e um novo significado ao território. Estão escrevendo um novo texto.

Mas, desde sua origem, cidade significa, ao mesmo tempo, uma maneira de organizar o território e uma relação política. Assim, ser habitante da cidade significa participar de alguma forma da vida política, seja como exercício de dominação enquanto autoridade sobre o conjunto de moradores, seja enquanto luta cotidiana pela apropriação do espaço urbano.

A cidade, ao aglomerar num espaço limitado uma grande população, cria o mercado. No seu interior se estabelece uma especialização do trabalho e hoje a imagem de cidade como centro de produção e consumo domina a cena urbana. É a indústria que, presente em tudo, está à nossa volta.

Na cidade, agora capitalista, tudo é mercadoria e circula: pessoas, veículos, produtos. O próprio espaço urbano é mercadoria, fato que justifica a existência de muros visíveis e invisíveis que divi

dem a cidade em diferentes níveis de renda fundiária. Esses níveis são os geradores da segregação e da violência urbana.

A intervenção do Estado na cidade, refletindo a lógica capitalista, é feita então através do "tratamento" de temas principais: a cidade como circulação de fluxos (pedestres, veículos, cargas); a racionalização da produção do espaço; o planejamento da cidade, pressuposto para a existência de uma cidade sem males. Esses temas visam à homogeneização porque na cidade é preciso reforçar a norma: uma multidão usando jeans, camisetas, tênis e na casa assistindo televisão.

A cidade, hoje, é seu próprio espetáculo e seu próprio inferno. Controla o tempo humano-horas, dias, semanas, meses, tomado pela noção de tempo útil e produtivo. Suas avenidas convergem para um ponto de onde tudo se controla: não há "rugosidades" que possam desviar o olhar, daí ser, por excelência, o campo patológico onde se inscreve a alienação social e mental do homem contemporâneo.

Com Marx pode-se ler de forma contundente esse processo de alienação: a relação entre o trabalhador-sujeito da produção, e o objeto geográfico que ele produz - no caso em questão a cidade, o produto lhe soa estranho, ameaçador. Ao não se reconhecer na quilo que produz, o homem se aliena da própria atividade produtiva (o objeto de seu desejo e de sua consciência) bem como da relação com os outros homens (o social) e consigo mesmo (o mental). Sua linguagem, em vez de falar a cidade, fala sobre a cidade. Este sobre implica uma distância entre a fala e aquele que fala, entre a fala e o falado. O acesso simbólico (a linguagem) se dá mediado por identificações imaginárias, entre elas a linguagem do desejo.

Com Barthes pode-se pensar os habitantes

como produtores e divulgadores de mitos - "mito é sempre uma fala roubada", que tem como função a de formação, o que se dá através da "eliminação da qualidade histórica das coisas: nele as coisas perdem a lembrança de sua produção". Para tanto o mito não nega as coisas: sua função é, pelo contrário, falar delas, dar-lhes clareza, não de explicação, mas de constatação. E justamente porque se falou das coisas, faz-se delas a fala oficial, cumprindo-se assim o objetivo dos mitos - "a determinação dos limites estreitos da atividade (do homem) onde lhe é permitido sofrer sem modificar o mundo: a pseudo-physis burguesa proíbe radicalmente o homem de inventar-se".

Onde a saída então? Apanhando Barthes quando:

1) - propõe recuperar sob as inocências da vida relacional mais ingênua; a profunda alienação que essas inocências têm por função camuflar;

2) - quando fala da "liberdade da linguagem" e o "homem inventar-se".

Não se trata mais de uma questão de conteúdo. É antes uma prática que se dá na medida em que o homem se dispa de sua roupagem de consumidor e vista sua fantasia de produtor, reinventando-se, reapropriando-se de sua linguagem roubada.

Quando se fala de uma prática, fala-se de um caso. Como isso pode se dar se a linguagem de que dispomos desde a escola é padrão, uniformizada, indivisa? É Barthes, mais uma vez que aponta a direção: fragmentando o antigo texto, qualquer que seja ele, da cultura, da ciência, da literatura, da cidade e disseminando os seus traços segundo fórmulas irreconhecíveis, do mesmo modo que se disfarça uma mercadoria roubada.

Assim fazendo, chega-se à intervenção efetuada durante a II Semana Cultural da FAFI-1989, denominada "A Cidade Nua". No saguão do prédio cen-

tral, alunos do 3º A de Geografia, coordenados por esta professora e assessorados pelo artista plástico Benjamin Gonzales, desenvolveram o conceito situacionista de vagar, andar à deriva (dérive), cuja realização é simples, mas com um arcabouço teórico complexo.

Buscando "informações" em Marx (Manifestos econômico-filosóficos de 1822), Barthes (Mitologias), Breton (Manifestos do Surrealismo e Nadja), Sartre (O Ser e o Nada e A Náusea), Lúkacs (A Falsa e a Verdadeira Antologia de Hegel), e Henry Lefebvre (O Direito à Cidade) pretendeu-se acabar com fronteiras, fronteiras entre trabalho e criatividade, cidade e arte, teoria e prática escolar.

Assim, várias flechas ligando pedaços de mapas da cidade de Sorocaba (cortados pelos alunos segundo um "determinado" estado de espírito) estavam no chão, para sugerir a infinita aventura de se caminhar por uma cidade num desvendar de alienações, verdadeiro ato político.

Sendo o mapa a mais abstrata representação da realidade e o instrumento geográfico por excelência, ali estava Sorocaba, para ser "pisada", "fragmentada" mesmo, com vistas a uma nova construção menos estranha, na qual o cidadão pudesse se apossar verdadeiramente de sua cidadania.

Barthes informa que "não existe hoje nenhum lugar de linguagem exterior à ideologia burguesa: a nossa linguagem provém dela, volta a ela, continua a fechar-se nela. A única réplica possível não é o afrontamento, nem a destruição, mas somente o roubo". Daí a Cidade estar Nua, roubada de seus objetos geográficos, da sua população, dos seus sonhos e anseios, a solicitar de cada um uma nova linguagem e um sentido novo.

Para tanto exigia-se o enfrentamento da "situação" e a cumplicidade do participante, que era

obrigado a não se ancorar nesta ou naquela margem (pedaços do mapa). Antes, constituir uma terceira, na qual circulava livremente, porque própria, sem cancelas, sem cancelas, sem tutelas. Aprisionado aqui, ressurgia o participante mais adiante, diferente, tr vestido, insistente, mesmo quando, sem saber o que fazer perante a "situação", saltava em cenas de mala barismo, trechos da cidade; ou pedia licença para en trar/atravessar a cidade; ou ainda, quando maravilhava-se com as "estátuas vivas" que "habitavam" a Cidade de Nua.

Posteriormente, em sala de aula, foi efetuado o estudo dos efeitos do meio geográfico (conscientes ou não) que agiram sobre o comportamento dos indivíduos, ou seja, a psicografia da situação, cujo resultado deixa de ser aqui apresentado dado os limites impostos para este artigo.

Enfim, o que se pretendeu foi um exercício pedagógico em Geografia, com rupturas de espaços, limites, hierarquias, num processo que permitisse a emergência de sentidos novos. A Cidade Nua exigiu a confecção de uma linguagem nova para o ensino da produção e especificamente do consumo do urbano. Requisitou uma nova prática que se deu através da linguagem lugar mesmo do sujeito.

Breton dizia que "a beleza será convulsiva ou não será nada". Convulsivo precisa também ser o ensino e a aprendizagem da cidade, já que convulsivamente, no mundo de hoje, ela é manufaturada.

-----*-----